

**A PRÁTICA DOCENTE SOB UM OLHAR HUMANÍSTICO:
“AMAR EM SALA DE AULA É POSSÍVEL?”**

Renata Alves de Sousa^{*}

Renato Corrêa da Silva^{**}

Pedro Paulo Machado Nascimento^{***}

Rosenilda Aparecida Pulcinelli de Souza^{****}

Resumo: O presente trabalho discorrerá do ponto de vista cognoscível e da relação sujeito-sujeito proposta pela estrutura de abordagem humanística, sobre a inferência do posicionamento pedagógico-afetivo na métrica do binômio ensino-aprendizagem. Para a consecução deste macro objetivo optou-se pela discussão da questão retro mencionada em três perspectivas: as vias percorridas pela formação docente na atualidade em face da inserção do modelo de educação estritamente voltado ao aspecto humano (não em sua totalidade, mas de maneira gradual e pautada nas complexas relações cotidianas); em segundo lugar, o desvelamento da concepção docente sobre o modelo em questão aliado aos padrões de comportamento engessados pela contemporaneidade, nítidos cerceadores da postura afetiva com relação ao ser humano e sua subjetividade; por fim, não menos relevante encontra-se a autoaceitação do educador sobre a manuseabilidade deste modelo e sua potencial propagação e/ou replicação em todos os ambientes atrelados à difusão do ensino e à perquirição da aprendizagem por procedimento menos mecanicista e mais humanizado. Portanto, espera-se que a propositura de ideias aqui difundidas constitua um dos elementos da “peça-chave” para a miscelânea metodológica tão preterida nos dias de hoje: o ensino-aprendizagem humanizado.

Palavras-chave: Humanização. Ensino. Aprendizagem. Docência.

^{*} Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Ariquemes. E-mail: renatacbi18@gmail.com

^{**} Acadêmico do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Ariquemes. E-mail: renato_adm11@hotmail.com

^{***} Acadêmico do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Ariquemes. E-mail: pedropmnascimento@gmail.com

^{****} Orientadora e docente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Ariquemes. E-mail: rosenilda.pulcinelli@ifro.edu.br

Introdução

A depender dos desafios encontrados na atividade docente, cada vez mais as práticas humanas vêm sendo negligenciadas em âmbito escolar, logo, inibindo o desenvolvimento cognoscível, emocional e social dos educandos. Sendo assim, acompanhando o pensamento de Maturana e Zoller (2004), a humanidade moderna hoje vivencia uma cultura que declina os aspectos sentimentais, emocionais, em favor apenas da racionalidade, por efeito implica em formação de seres humanos limitados para os baldrames biológicos da condição humana.

O cerne deste trabalho visa apresentar as concepções de futuros docentes acerca da prática humana em sala de aula, e, se ainda são plausíveis ou não as atitudes humanísticas praticadas na sociedade que atualmente realça a competitividade e o individualismo entre os personagens que nela estão inseridos.

Tratando-se de uma pesquisa de base qualitativa e quantitativa, considerando documentações científicas e depoimentos de estudantes de licenciatura, o presente estudo foi realizado com graduandos do curso de Ciências Biológicas do Instituto Federal de Rondônia (*Campus Ariquemes*), sendo estes acadêmicos integrantes das turmas de 5º, 7º, e 8º períodos, onde através de análise da grade curricular já estudada por estes, culminando na ideia de um conhecimento mais aprofundado nas disciplinas do núcleo pedagógico, assim mensurando conteúdos dos ementários tais como de: Didática Básica; Sociologia da Educação; Psicologia da Educação; Filosofia da Educação; Metodologias do Ensino de Ciências I e II, Metodologias do Ensino de Biologia I e II.

Através deste estudo espera-se buscar explicações das circunstâncias causais com relação à negligência de atitudes humanas nas relações educativas e, assim apontar a necessidade de se trabalhar mais a temática educação humanizadora nos estudos de formação docente, ainda mensurando quão importante a discussão aprofundada das razões de se trazer ao âmbito escolar e também social, equilíbrio entre as linhas cognitivas e afetivas, no desejo de enriquecer o desenvolvimento docente como profissional e humano, e, por conseguinte, transformar o quadro da sociedade atual que é cada vez mais tecnicista, em uma sociedade mais justa e mais humana.

1 Educação Humanística e a formação docente

“Para bem educar as crianças é preciso antes de tudo, amá-las”.

Champagnat

A insensibilidade humana, a negligência às atitudes afáveis, tem feito com que a sociedade atual ingressasse numa incessante competição um tanto quanto individualista e desinteressada nas necessidades do próximo. Tais atitudes infelizmente têm adentrado intensamente no âmbito escolar, sendo que se iniciam durante a fase de formação docente e, por conseguinte, leva às salas de aula, práticas que desfazem os laços humanos que deveriam existir no convívio entre educadores e educandos.

Confirmando a situação em que se encontra o sistema educacional atualmente, Sampaio (2004) afirma que a educação vem atravessando um período crítico, no qual seria uma “crise global” de esvaziamento existencial, refletindo diretamente nas relações constituídas nas escolas que passam a vivenciar dilemas contraditórios, ao passo que, defendem relações mais dialógicas, afetivas, humanizadoras, e é dentro destas mesmas escolas que há propagação de práticas excludentes, autoritárias, impositivas, antidemocráticas, assim, constituindo o cenário da sociedade atual.

Sabendo que o professor constitui peça fundamental na desenvoltura social e pessoal dos cidadãos, é necessário alegar que a participação docente na vida do educando não é estritamente no repasse de habilidades cognoscíveis, bem como o referido profissional ajustado à estirpe de “fio condutor” de atitudes vinculadas aos aspectos humanos. Cabe ressaltar o que afirma Freire (1997), quando menciona que a essência formadora da docência carece ser humanista, estimulando o discente a produzir, e que jamais se restrinja apenas a um puro procedimento técnico e mecânico de transferência de conhecimento.

A formação docente vem sendo pautada em apenas valorar os aspectos racionais, e assim faz com que os sentimentos humanos sejam colocados porta a fora em espaço escolar, os professores da sociedade atual principalmente, devem estar capacitados não só ao papel de transmitir informações, mas transpor aos educandos os valores humanísticos; em suma, deve haver uma formação que vise à concepção humanística, relacional e estética, sendo esta indispensável ao exercício do magistério (RIBEIRO *apud* AMORIM & CASTANHO, 2008; ARROYO, 2000; D.FAVRE & C. FAVRE, 1999; MOLL, 1999).

Muitos professores ainda no processo de sua formação se tornam adeptos de atitudes impregnadas de autoritarismo descomunal, que impunham medo, “ensinando” a custo de ameaças. Não se obtém qualquer respeito verdadeiro da parte dos educandos, e, menos ainda, se auferem resultados positivos no processo ensino-aprendizagem. Nesta assertiva, Chalita (2001) afirma que não há nada de educativo em práticas intolerantes, impositivas aderidas à postura de um professor. É imprescindível salientar aos que escolhem a profissão de educador (comparável à escolha de uma profissão como médico ou sacerdote) o dever de portar especial comprometimento com a sensibilidade humana.

2 Paradigmas que bloqueiam relações afáveis em sala de aula

A introjeção do componente afetivo no ambiente de aprendizagem, em especial apreciação a escola, carece de uma medida analítica mais aprofundada que vislumbre com boa razoabilidade os padrões de comportamento que, vez ou outra, deturpam a abordagem de ensino humanista, que tem como princípio escopo a preocupação com o relacionamento sujeito-sujeito (professor↔aluno), bem como as peculiaridades atinentes a cada um e como as mesmas se inter-relacionam no macro ambiente. Neste diapasão, Andrade (2007, *apud* De Luca, 2009) corrobora acerca destes fatores deturpadores classificando-os como barreiras da manifestação da realização do processo criativo, bem como comportamental, no sentido de impetrar no indivíduo diversos tipos de fobia, como o medo do fracasso, do desconhecido e da frustração, de exercer influência, da perda de controle, além do enfraquecimento da imaginação. Fica evidenciado, portanto, o patamar de prejuízos auferidos pelos padrões retro mencionados.

Diante das evidências elencam-se algumas tipologias bloqueadoras na ótica pedagógica, a saber: o autoritarismo docente, a ausência de interação, a desvalorização da carreira de professor e da remuneração que lhe é conferida e, por fim, a aversão à postura afetiva. No campo do exercício da autoridade há um relativo consenso no que tange ao apontamento do excesso da mesma como um dos fatores preponderantes ao desestímulo, à inquietação e a agressividade do discente, posturas nitidamente antagônicas ao esforço harmônico da relação professor-aluno (RIBEIRO, 2010).

No tocante à falta de interação percebe-se com boa clareza a reciprocidade em sua manifestação. Tendo em vista essa [des]troca negativa, Krasilchik (2008) afirma que a mesma também atua em ambos os lados de forma parcialmente destrutiva: o aluno ‘problemático’

continuará a ostentar o posto, uma vez que o docente não arguiu sensibilidade situacional suficiente para compreender suas peculiaridades. Da mesma forma o professor torna-se um profissional desmotivado, frustrado, raso por não conseguir de forma ética e regrada transmitir sua subjetividade (por vergonha, timidez, sistematicidade, valores morais excessivamente rígidos, etc.), terminando por abandonar completamente seu legado. Sobre a valorização da carreira e a respectiva remuneração, Ribeiro (apud MADEIRA, 2000; MOROSINI, 2008) reza acerca do ‘fracasso’ desta profissão na atualidade apontando tais assertivas, bem como a instabilidade profissional e a precariedade das condições de trabalho como agravantes cabais ao sentimento de angústia, à baixa autoestima e o desaparecimento de seu amor-próprio. E se falta o amor a si mesmo, como será possível transparecer a conduta de amor ao próximo? Como se tornar afável com os alunos se não há contrapartida que lhe favoreça minimamente (do ponto de vista físico, material e emocional)? São indagações que merecem melhor apreciação em outra vertente de estudo.

Outro fator que inspira atenção é a rejeição da prática afetiva que, na visão de diversos teóricos não merece relevância prática por sua aparente dissociação ao processo de aprendizagem em decorrência de seu cunho não científico. Trata-se de saberes experienciais (MOLON; SANTOS, 2008), isto é, mecanismos basilares à estrutura das relações afetivas que estão sendo negligenciados por estudiosos em razão de sua estrutura metodológica assistemática. Ora, para a ratificação do corrente processo o racional deve confluir-se com o emocional, o sistemático com o assistemático, a troca deve ser sujeito-sujeito e não sujeito-objeto.

3 A importância de levar o amor à sala de aula

Contemplando as concepções anteriormente abordadas e tendo em vista as relações interpessoais presentes nas salas de aula da sociedade atual, faz-se necessária uma avaliação aprofundada acerca da relevância de atitudes afáveis no âmbito escolar.

É notável que o trabalho docente requiera muito mais da parte do educador uma visão sensível sobre os alunos que leciona. O exercício do educador é realizado em função do outro, para o outro e com o outro. Faz-se necessário que haja um discernimento por parte do professor entre a vida privada e a atividade docente, a fim de que possa haver um melhor envolvimento afetivo-emocional (OSTI, 2012).

Parte dos educadores teme e negligencia vínculos mais emotivos com os alunos, por vários contrapontos, porém é indispensável que o professor saia do papel de simples “informante” e passe para o papel de humano. Numa escola, assim como em qualquer outro local, relações de humano para humano se fazem eficazes através de uma “linguagem” muito mais sensível e compreensiva. Justificando, assevera SPAGOLLA (2009):

Sendo assim, as interações que ocorrem no âmbito escolar são pontuadas pela afetividade e é fundamental estimular a busca de mecanismos que viabilizem uma mediação afetivo-motivadora, uma vez que a afetividade habilita a pessoa olhar para o outro, valorizando-o e instigando elementos como a aprendizagem e, consequentemente ao desenvolvimento das potencialidades do sujeito.

Refletindo no que seria esse amor que se faz importante na prática docente, fala-se de um amor fraternal, que respeita, cuida e que mostra paciência e dialoga com o próximo. Assim, estabelece DE PAULA (*apud* SNYDERS, 1986):

A educação afetiva deveria ser a primeira preocupação dos educadores, porque é um elemento que condiciona o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva da criança. E o amor não é contrário ao conhecimento podendo tornar-se lucidez, necessidade e alegria de aprender. Quando se ama o mundo, esse amor ilumina e ajuda a revelá-lo e a descobri-lo.

O amor que decorre, ou deveria decorrer do educador, acontece quando o mesmo desce do “salto” do autoritarismo exacerbado e da arrogância e faz entender que dentro de uma sala aula estão seres humanos de alma e sentimento, que muitas vezes estagnam o processo de aprendizagem, e logo, o desenvolvimento cognitivo, justamente pela ausência de simples atitudes afáveis, como por exemplo, palavras motivadoras. Dessa maneira, Morales (2006, p. 61) afirma que: “A conduta do professor influi sobre a motivação e dedicação do aluno ao aprendizado”. Ainda complementa Freire (2013, p. 43) “Às vezes, mal se pode imaginar o que pode passar representar na vida de um aluno um simples gesto do professor”.

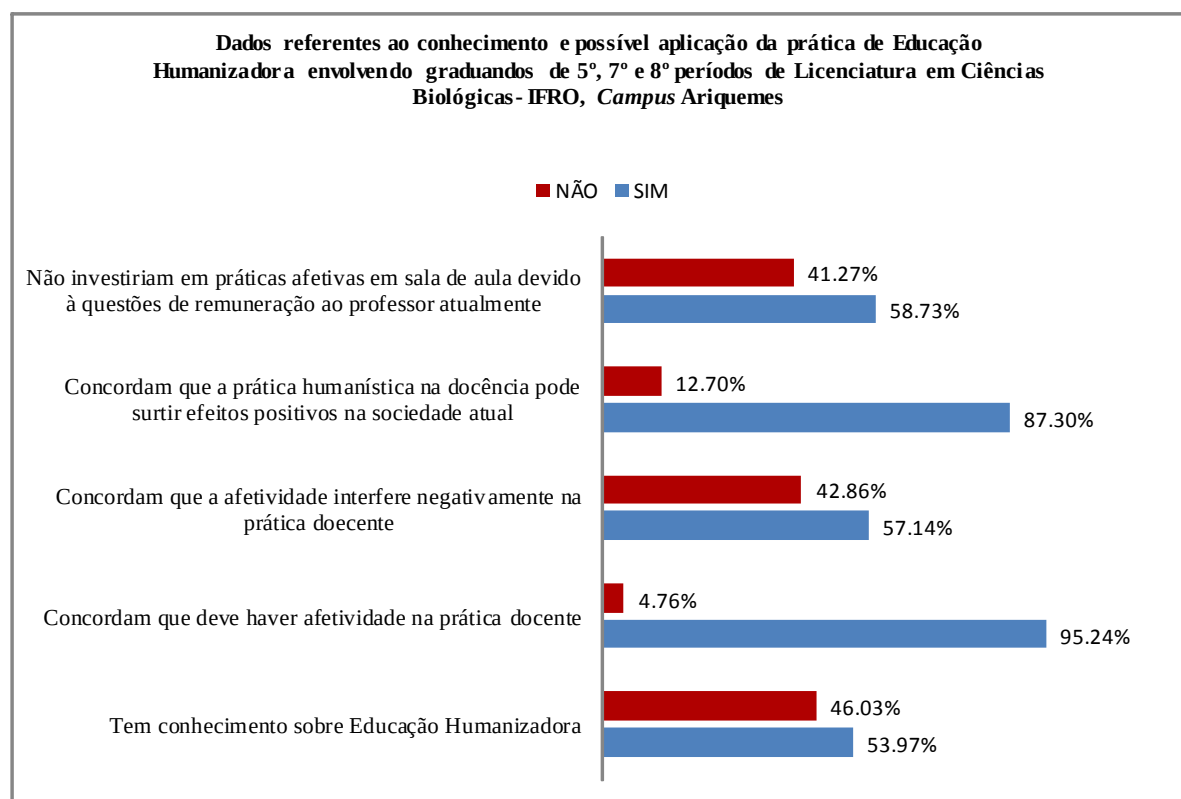
Fica nítida a influência afetiva de um professor sobre a vida de seu aluno, quando a “robotização” dos atos é desprendida dos métodos de ensino, o professor tende a melhor qualificar o desempenho de sua turma. Os resultados positivos de uma educação com vista humana, segundo Freire (2013), pode intervir nas mudanças radicais na sociedade, mudanças que poderão ser notadas no campo socioeconômico, nos direitos ao trabalho, à educação, à saúde; e ainda mudar a ordem injusta no qual a humanidade está inserida.

Educar sob a perspectiva humanizadora, afetiva, exige um pouco mais do educador, contudo, os resultados são positivamente significativos e permanecem sólidos ao longo da

vida dos alunos, muitos relembram seus grandes mestres com saudades e emoções, relembram um tempo que fora marcante em suas vidas e em controvérsia há aqueles que se lembram com amargura, pavor, de professores que lhes traumatizaram, lhes trouxeram medo e frustração. É indispensável que se olhe para os exemplos e situações do passado, a fim de se construa um presente e um futuro melhor (CHALITA, 2001, p. 154).

4 Resultados

A análise dos resultados concernentes às concepções dos graduandos de Licenciatura em Ciências Biológicas (5º, 7º e 8º períodos) acerca do conhecimento da temática “Educação Humanizadora” e a possibilidade de aplicação da mesma nas escolas atuais, seguem apresentadas no gráfico I e na sequência discutidas. *A priori*, foi feita a leitura flutuante dos questionários e tabulados em gráfico os dados correlatos à amostragem total de 63 acadêmicos respondentes.



Referente à questão do conhecimento sobre a temática educação humanizadora, um total de 46.03% dos acadêmicos alegam não conhecerem, enquanto que 53.97% afirmam já ter ouvido falar sobre o tema, mas sem nenhum aprofundamento. Apesar de serem

relativamente próximos os valores percentuais, fica evidente que a ideia principal da educação humanística, infelizmente ainda é razoavelmente desconhecida nas grades curriculares em cursos de Licenciatura, especificamente tratando da análise documental de ementários das disciplinas de cunho pedagógico, assim feito estudo no Instituto Federal de Rondônia - Campus Ariquemes.

Contemplando a ideia de que a educação humanizadora ainda se faz pouco difundida nas instituições de ensino, principalmente no meio acadêmico, salientando segundo Ribeiro (2010) que há poucos estudos ligando a educação afetividade, ou seja, a temas “humanos”, assim, mesmo havendo muitas pesquisas no campo na educação, ainda é muito escassa as publicações ligando os aspectos humanos à educação, mostrando que mesmo em cursos de licenciatura, a dimensão afetiva é um tema de pouca predileção dos estudantes da área da educação, tal realidade pode ser explicada justamente pela pouca abordagem do tema em disciplinas do núcleo pedagógico que compõem os cursos de licenciatura, principalmente.

Tratando de se haver ou não afetividade no exercício docente, 95.24% das respostas se colocam a favor de que haja relações afáveis em sala de aula, em contrapartida, 4.76% afirmam não concordar com a união entre a prática afetiva e docente. Mesmo com o percentual relativamente baixo para a última afirmativa, cabe assinalar que considerando os conflitos de relações no âmbito escolar, segundo Ribeiro (2010), a importância do afeto na educação é ainda ignorada na Escola Básica e nos cursos de formação docente no ensino superior, mesmo sabendo que a docência é uma atividade que envolve interações humanas.

Dirigindo-se a proposição de que a afetividade pode ou não interferir de modo negativo na prática docente, 42.86% dizem não concordar com a existência de interferência negativa, enquanto que 57.14% concordam que sim, pode haver interferência, concepção que pode ser explicada por um dos exemplos de pensamentos docente suscitado por Chalita (2001) quando diz que o educador pré-estabelece que não deva ele, ser “amigo” de aluno, pressupondo que o respeito de discente para docente pode acabar. Outrora, sustenta Spagolla (2009), que o professor deve ser responsável pelo aluno, afim de que o mesmo se sinta acolhido e importante. Assim, este aluno, inserido num espaço em que sejam estabelecidos limite e acolhimento afetivo, ele terá grande possibilidade de apresentar um comportamento recíproco de respeito com o educador e os demais integrantes da escola.

Quanto aos efeitos positivos da educação humanística na sociedade atual, 87.30% dos futuros docentes, acreditam que tal prática pode ainda fazer surtir resultados positivamente significativos, levando em consideração os percalços enfrentados pela

humanidade, salientando as desigualdades sociais, individualismo, competitividade exacerbada, etc. O remanescente 12.70%, já desacredita na mudança que pode ser favorecida pela prática humanizadora na educação, sendo incluídos no rol dos “fatalistas” como caracteriza Freire (2013) onde menciona que muitos educadores e futuros educadores principalmente, se acomodam na realidade “desumana”, e questionam os problemas da educação de forma acrítica, ou seja, veem as barreiras na educação e apenas discursam que já não há mais o que fazer. Ainda sobre a descrença por parte dos educadores na melhoria do cenário educacional, estabelece Freire (2013, p. 70) que deve haver esperança nas relações de ensino professor e alunos, afim de que resistam os obstáculos, ressalta ainda que a esperança não é algo que a ela se justaponha, mas que a esperança é essencial à existência humana.

Por fim, apresenta-se o percentual de acadêmicos que afirmam de maneira despretensiosa não investir em práticas mais afáveis levando em consideração a valorização financeira oferecida atualmente aos docentes do país, sendo este, de 58.73%. Enquanto que 42.27%, responderam que mesmo com a situação de remuneração atual aos professores, se preocupariam em trabalhar aspectos afetivos no espaço escolar. Sendo inegável a existência da desvalorização do profissional da educação, Chalita (2001, p. 258) ressalta que mesmo havendo os entraves relativos à remuneração do educador, ele deve estar ciente de que essa batalha não pode ser travada em sala de aula, os alunos não são culpados e, por isso o espaço escolar deve ser um local sagrado em que o aluno deve e merece ser valorizado, seja emocionalmente, ou durante a transposição do conteúdo, dessa forma, problemas ligados à remuneração devem ser tratados em campo competente, ou seja, nas jurisdições específicas dos órgãos governamentais e sindicatos.

Conclusão

Entende-se a partir deste estudo, o quão fundamental se faz a inserção da prática humanista no exercício docente, seja aquele onde há função efetiva de educador, ou aos que ainda estão no transcurso de formação acadêmica.

Os levantamentos documentais e estudo das concepções de futuros professores do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas permite ainda entender que há pouca difusão dos estudos voltados à humanização no empenho educativo, sendo que as grades curriculares do curso (Ciências Biológicas) apresentam escasso tratamento da temática nos ementários de

disciplinas do núcleo pedagógico, podendo assim explicar a razão pelo qual o conhecimento acerca da proposta de ensino humanista é ainda tão raso nos cursos de formação docente.

Apresentadas as relações que deve haver entre aspectos cognitivos e emocionais, é possível olhar com mais profundidade a relevância da educação atual em baldrames mais humanos, sendo perceptível a negligência e rejeição por parte de educadores e futuros educadores de trabalharem o processo ensino-aprendizagem sob uma olhar humanístico, de fato.

Frisando os dados adquiridos com a participação dos acadêmicos a respeito do conhecimento e aplicabilidade da afetividade, da humanização como um todo em sala de aula, pode-se perceber que mesmo em estágios de graduação diferente, porém já significativo, os graduandos que afirmam conhecerem a proposta humanista, concordam com sua efetivação no sistema educacional, contudo, eles próprios a bloqueia, perante os percalços existentes na trajetória do exercício docente, principalmente tratando-se de questões como valorização e remuneração da carreira. O que torna preocupante, já que muitos professores descontam a indignação salarial, principalmente, nos alunos, que são os atores principais desta história. Em suma: para estes acadêmicos a educação humanizadora é uma proposta “possível”, mas as barreiras do exercício docente ainda falam mais alto, o que parece uma assertiva contraditória.

Por fim, porém não menos importante, através do presente estudo, torna-se plausível levar futuramente com mais definições a proposta de uma educação que valore muito mais os aspectos humanos, apontando a importância de trabalhar essa temática com profundidade nas disciplinas componentes das grades curriculares dos cursos de licenciatura, principalmente.

Finaliza-se então este trabalho fazendo menção a uma passagem do maior Mestre da vida acerca do amor, uma capacidade que fora ensinado a todos, e é essencial, na educação, e na vida de modo geral: “Todos os vossos atos sejam feitos com amor”. 1. Coríntios, 16: 14. (ALMEIDA, 1993, p. 146)

Referências

ALMEIDA, João F. **A Bíblia Sagrada**. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. Sociedade Bíblica do Brasil: Barueri- SP: 1993.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001.

DE LUCA, Angela M. **Relações afetivas entre professoras e alunos nas práticas pedagógicas tradicionais, isto é possível?** Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC. Criciúma: dezembro, 2009.

DE PAULA, Sandra R.; FARIA, Moacir A. de. A afetividade na aprendizagem. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. FAC São Roque. Vol. 1. Nº 1. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KRASILCHIK, Myriam. **Prática do ensino de Biologia**. 4. ed. rev. e ampl. 2ª reimpressão; Edusp, São Paulo: 2008.

MATURANA, Humberto R.; VERDEN- ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athenas, 2004.

MOLON, Karina S.; SANTOS, Bettina S. **O papel do professor para o desenvolvimento afetivo- emocional do aluno**. III Mostra de Pesquisa da Pós- Graduação – PUCRS, 2008.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno**: O que é, como se faz. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

OSTI, Andreia. **Dificuldade de Aprendizagem, afetividade e representações sociais**: Reflexões para a formação docente: Formação de Professores. São Paulo: Paco Editorial, 2012.

RIBEIRO, Marinalva, L. Affectivity in the teaching relation ship. **Estudos de Psicologia**, Campinas, setembro 2010.

SAMPAIO, Dulce Moreira. **A pedagogia do Ser**: educação dos sentimentos e dos valores humanos. Petrópolis: Vozes, 2004.

SPAGOLLA, Rosimeiri de P. **Afetividade**: por uma educação humanizada humanizadora. Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Secretaria de Estado da Educação – SEED, Paraná: 2009.